

ESPORTES

ATLETISMO

Respaldada por vitórias em provas de rua neste ano, a brasiliense Lucélia de Oliveira Peres chega à São Silvestre como favorita, mas a concorrência de brasileiras e estrangeiras promete ser forte

Sem previsão

LUCÉLIA TEVE UM ANO ESPETACULAR EM CORRIDAS DE PISTA E RUA, MAS QUER COROAR A BOA FASE COM A VITÓRIA EM SÃO PAULO

Carlos Vieira/CB



JOSÉ CRUZ
DA EQUIPE DO CORREIO

Com um ano excepcional, a brasiliense Lucélia de Oliveira Peres apresenta-se como a principal favorita à vitória dos 15km da 82ª Corrida de São Silvestre, hoje, em São Paulo, com largada às 15h15. Vencedora de algumas das principais provas de rua do país no ano, entre elas a mais recente, Volta da Pampulha (17km), na qual sagrou-se tricampeã, Lucélia termina o ano como a líder do ranking brasileiro e sul-americano dos 5.000m e 10.000m.

"Continuarei mesclando provas de rua e pista. Não vejo problema em continuar participando das duas categorias", comentou Lucélia, que em agosto completou 25 anos. Faz sentido essa previsão, pois foi neste ano que ela melhorou as suas marcas em provas de pista dos 3.000m, 5.000m e 10.000m, candidatando-se a ocupar vaga na equipe pan-americana para os Jogos do Rio-2007.

Porém, para coroar o desempenho

falta-lhe a vitória que persegue há muito tempo, em São Paulo. Hoje é dia de nova tentativa e nos seus calcanhares estarão experientes adversárias, como Márcia Narloch (ouro na maratona Pan-Americana, em 2003), Ednalva da Silva, a Pretinha, dona de excelentes vitórias em provas de 10km, Marizete Rezende, a última brasileira a ganhar a São Silvestre, em 2002, Marily dos Santos e a brasiliense Marizete Moreira dos Santos, que também vem de uma ótima temporada em corridas de rua.

Além dessas adversárias, há a legião estrangeira, que tem tradição de comparecer à corrida paulista com um bom time, principalmente de corredoras africanas. Por isso, é difícil apontar favoritas na prova feminina. Pamela Bundotich, do Quênia, é o destaque que vem do exterior. Ela já correu os 10km em 32 minutos, uma ótima marca, assim como a colombiana Bertha Sanchez, quinta colocada na São Silvestre do ano passado. "Não conheço a marca dos 15km dessas corredoras, mas pelo o que já fizeram nos 10km mostram que são muito boas", disse Lucélia.

Calor

Todas as corredoras, no entanto, deverão enfrentar um adversário comum: o calor. "A sensação térmica aumenta porque a proximidade dos prédios ajuda a concentrar o calor", reclama Lucélia. "Além disso, a largada da corrida é muito perto da hora do almoço. Eu tenho que mudar a minha rotina, tomando café mais cedo para almoçar mais cedo. A São Silvestre foge a tudo o que se está acostumado em corridas de rua", critica a brasiliense, atleta da ABC com patrocínios da Petrobras, Upis e Mizuno. Vale lembrar que a largada é às 15h15, mas, com o horário do verão, o sol é das 14h.

Esta é a quinta vez que Lucélia disputará a São Silvestre. Nos dois primeiros anos, em 1995 e 1996, correu "com o povão. Era só pra festa". A brasiliense afirma que a sua prova perfeita foi a de 2004, quando terminou em segundo lugar. No ano passado, porém, diz que

PRÊMIOS

| | em R\$ |
|-----|--------|
| 1º | 21.000 |
| 2º | 9.000 |
| 3º | 6.000 |
| 4º | 4.000 |
| 5º | 2.000 |
| 6º | 1.000 |
| 7º | 600 |
| 8º | 600 |
| 9º | 600 |
| 10º | 600 |

se afobou ao fazer uma largada muito forte e ser ultrapassada no final, quando terminou em quarto lugar. A vencedora foi a iugoslava Lydia Cheromei.

Depois de tantos anos competindo em São Paulo, Lucélia tem uma única certeza: "A São Silvestre é uma prova de surpresas. Não dá para fazer estratégia. Tem que esperar para ver o que as outras corredoras vão fazer e ainda há o clima, a temperatura. Tudo influencia", explicou.

E o percurso da São Silvestre? "Ái é outra história. Os últimos quatro quilômetros são de pura subida. Mas, antes, descemos coisa de três quilômetros, muito forte, que se desce freando. Isso dá um desgaste grande da musculatura e é pior do que enfrentar a subida final", avalia Lucélia.

Para tanto sacrifício as atletas correm atrás de um bom prêmio: R\$ 21 mil para a campeã, R\$ 9 mil para a se-

gunda colocada e R\$ 6 mil para a terceira. Além disso, R\$ 10,5 mil serão entregues para o atleta que bater o recorde da prova. No masculino, Paul Tergat, do Quênia, tem a melhor marca, 43min12s, registrada em 1995. Entre as mulheres, Hellen Kimaiyo, também do Quênia, fez 50min26s, em 1993.

Vitória

Foi com a brasiliense Carmem de Oliveira, em 1995, que o Brasil inaugurou o pódio feminino da São Silvestre. Até então, só estrangeiras dominavam a corrida, com destaque para a portuguesa Rosa Mota, que reinou por seis longos anos, entre 1981 e 1986. Ao contrário dos homens, que há 82 anos estão na competição, as mulheres só foram admitidas na São Silvestre em 1975, quando a alemã Christa Valensieck venceu, repetindo o resultado no ano seguinte. Além de Carmem, outras duas brasileiras já se consagraram na corrida paulista: Maria Zeferina Baldaia, vencedora em 2001 e Marizete de Paula Rezende, em 2002.

TÊNIS

O êxodo continua

DANIEL BRITO
DA EQUIPE DO CORREIO

Perto dos 18 anos, um brasileiro interessado em se tornar tenista profissional precisa muito mais que o talento para fazer sucesso. Nas palavras do candango Edison Raw, existem três caminhos para um jovem atleta. O primeiro é gastar de US\$ 30 mil a US\$ 40 mil e investir nos torneios Future e Challenger na América do Sul; o segundo, partir para os Estados Unidos e conciliar a carreira de esportista com a acadêmica em uma universidade americana, com bolsa de estudos; e, por último, ficar em Brasília e contentar-se em disputar os tradicionais torneios de final de semana nos clubes da cidade.

A cada ano, o número de tenistas que prefere a segunda opção aumenta. Daqui cinco dias, por exemplo, Ana Carolina Costa (Personal Car), de 18 anos, embarca para o estado do Tennessee, no sul dos Estados Unidos. Assídua frequentadora das posições mais altas nos rankings juvenis do Brasil, ela vai estudar ciência da computação e treinar.

Os quatro anos de curso serão pagos pela bolsa de estudo ganha por causa do tênis. "Nos Estados Unidos, o tênis é pensado de maneira coletiva, diferentemente do que acontece no Brasil", compara a atleta. "Mas vou para lá pensando na minha carreira

Gustavo Moreno/Especial para o CB



RAYDNER (D) E FELIPE TREINAM NOS EUA; PAOLA COSTA (E) PLANEJA IR EM 2008; JÁ A IRMÃ ANA CAROLINA (REBATENDO) VIAJA NO DIA 5

fora do esporte. Quero melhorar meu currículo", avisa.

Em estrada semelhante à de Ana,

mas com objetivo diferente, os amigos brasilienses Felipe Raw e Raydner Ramos estudam e treinam na

Universidade de Montana, no norte dos Estados Unidos. Eles ajudaram a equipe da universidade a conquistar

o segundo lugar na conferência regional. "A liga norte-americana de tênis é muito forte", conta Raydner, de 19 anos, estudante do segundo semestre de *business*.

Oportunidade

Com a experiência de já ter enfrentado tenistas ranqueados na Associação de Tenistas Profissionais (ATP), Felipe sentiu muito a diferença de nível técnico entre brasileiros e americanos. "Em um torneio no Brasil, eu teria um jogo difícil em uma semifinal. Lá, a estreia já é mais difícil que qualquer semifinal daqui", explica. Por ser esportista, ele e Raydner têm bolsa de estudo e pagam US\$ 4 mil dos US\$ 22 mil anuais correspondentes à mensalidade. Têm alimentação, moradia e são até beneficiados pelo patrocínio que a Nike dá à equipe de Montana.

Tanta facilidade atraiu também Paola Costa, um ano mais nova que a irmã Ana Carolina. Ela faz planos de treinar tênis e estudar na terra do Tio Sam. "Vou treinar muito em 2007: inglês e tênis." A atleta conta com o apoio da família e a torcida do treinador, Edison Raw (Clube do Exército). "Os Estados Unidos dão chance a todos. Se falar inglês e jogar bem o tênis, vai se dar bem lá", afirma Raw, que já encaminhou 15 atletas para o Hemisfério Norte nos últimos 15 anos.